

**O GRANDE
LIVRO *dos*
ISMOS**

PEDRO VIEIRA

**O GRANDE
LIVRO *dos*
ISMOS**



*Is knowledge knowable?
If not, how do we know it?*
WOODY ALLEN

ÍNDICE

Abolicionismo.....	12	Capitalismo.....	58
Absentismo.....	14	Cartesianismo	60
Absolutismo.....	16	Casualismo.....	62
Abstraccionismo	18	Catastrofismo	64
Absurdismo.....	20	Cavaquismo	66
Academismo	22	Cepticismo.....	68
Acosmismo.....	24	Chico-espertismo	70
Adamitismo.....	26	Civismo.....	72
Agnosticismo.....	28	Classismo	74
Alcoolismo	30	Colaboracionismo.....	76
Altruísmo	32	Colonialismo.....	78
Ambientalismo	34	Comunismo.....	80
Amiguismo	36	Conservadorismo.....	82
Anarco-sindicalismo	38	Construtivismo.....	84
Animalismo	40	Consumismo.....	86
Antropomorfismo.....	42	Covidismo	88
Atletismo.....	44	Cristianismo	90
Banditismo.....	46	Cubismo	92
Baptismo.....	48	Dadaísmo	94
Bota-abaixismo.....	50	Darwinismo.....	96
Brutalismo	52	Deísmo	98
Budismo	54	Dualismo	100
Caciquismo	56	Ecumenismo	102

Empirismo.....	104	Imperialismo	168
Empreendedorismo	106	Impressionismo.....	170
Epicurismo.....	108	Independentismo.....	172
Erotismo.....	110	Individualismo.....	174
Esclavagismo	112	Interseccionismo	176
Escotismo.....	114	Islamismo.....	178
Esoterismo.....	116	Isolacionismo	180
Especismo.....	118	Jacobinismo	182
Espiritualismo	120	Jornalismo	184
Europeísmo.....	122	Judaísmo.....	186
Existencialismo	124	Keynesianismo	188
Exorcismo	126	Leninismo	190
Expansionismo	128	Liberalismo	192
Fanatismo	130	Machismo.....	194
Fascismo.....	132	Maniqueísmo	196
Feminismo.....	134	Maoismo.....	198
Fetichismo	136	Marcelismo	200
Filantropismo	138	Mariekondismo	202
Formalismo	140	Marxismo.....	204
Futurismo.....	142	Medievalismo.....	206
Guterrismo.....	144	Missionarismo	208
Hedonismo.....	146	Modernismo.....	210
Heliocentrismo.....	148	Nacional-porreirismo	212
Heroísmo.....	150	Nacionalismo	214
Hinduísmo.....	152	Naturalismo	216
Historicismo	154	Neo-realismo	218
Homossexualismo	156	Nilismo.....	220
Humanismo.....	158	Nomadismo.....	222
Humorismo	160	Obscurantismo.....	224
Iberismo	162	Optimismo	226
Idealismo.....	164	Ostracismo	228
Iluminismo.....	166	Pan-africanismo	230

Pangermanismo	232	Sedentarismo	272
Panteísmo	234	Separatismo.....	274
Passismo	236	Serialismo	276
Patriotismo	238	Sexismo	278
Pessimismo	240	Situacionismo.....	280
Platonismo.....	242	Socialismo.....	282
Pluralismo.....	244	Socratismo.....	284
Politeísmo.....	246	Surrealismo.....	286
Populismo	248	Tabagismo.....	288
Pragmatismo	250	Taylorismo	290
Protestantismo	252	Terraplanismo	292
Racismo.....	254	Terrorismo	294
Realismo.....	256	Totalitarismo	296
Regionalismo.....	258	Tribalismo.....	298
Revanchismo	260	Trotskismo.....	300
Revisionismo	262	Trumpismo.....	302
Salazarismo	264	Vegetarianismo	304
Satanismo	266	Voluntarismo	306
Saudosismo	268	Xintoísmo.....	308
Sebastianismo	270		



Abolicionismo

I magine que sofre uma agressão por parte da sua dona com uma pá incandescente. E não, não se trata de uma gralha. A sua proprietária, com papéis a comprovar a sua posse, zanga-se consigo e parte para a violência gratuita, deixando-lhe uma marca profunda no braço. Foi o que aconteceu em 1780 a Elizabeth Freeman, também conhecida como «Bet» ou «Mum Bet». Esta mulher, que não teve acesso ao estrelato da história popular, foi uma abolicionista *avant la lettre*,

tendo sido a primeira negra a conseguir a libertação da sua condição de escrava, por vias legais, no estado do Massachussets, nos Estados Unidos — país fundamental para a causa do abolicionismo por boas e más razões. Por um lado, foi decisivo no despertar das consciências para a imoralidade do escravagismo, sistema que seria determinante no eclodir da Guerra Civil Americana. Por outro, teve muita matéria-prima agrilhoada por onde pegar. O abolicionismo foi um movimento criado com o objectivo de acabar com um sistema iníquo que vivia do tráfico de pessoas e da sua consequente desumanização. Teve várias encarnações e matizes, sobretudo na Europa e nas Américas, e atraiu pensadores, activistas e políticos de várias épocas. Enquanto escola de pensamento, está muito associado ao iluminismo, que ganhou tracção intelectual no século XVIII, mas a causa abolicionista conheceu vários defensores, incluindo alguns papas da cristandade que, séculos antes, apontaram o dedo à prática de subjugar totalmente outros seres humanos. É o caso de Eugénio IV, que emitiu a bula *Sicut Dudum* em 1435, exigindo a libertação dos escravos nas ilhas Canárias. No entanto, só muito mais tarde o movimento ganharia força suficiente para levar à abolição generalizada da escravatura no século XIX. Depois de ter sido agredida, Bet deixou que a ferida sarasse a descoberto para que todos pudessem testemunhar o modo como era tratada. Em muitos lugares, porém, houve quem fechasse os olhos à injustiça que andava à vista de todos.



Absentismo

Eis um *ismo* que carrega consigo uma série de outras palavras e até acrónimos: preguiça, produtividade, desmotivação, manha, PIB. É um conceito que diz respeito, sobretudo, ao mundo do trabalho. Mas não só. A espaços, marca a agenda mediática, graças ao absentismo parlamentar, que leva alguns deputados a arranjamem duplos que lhes assinem o livro de ponto. Ou agita a área das ciências humanas, que procura cortar o nó górdio do absentismo escolar. A verdade é que

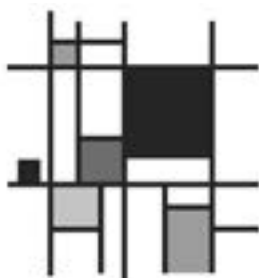
o absentismo penaliza corporações, instituições, cadeias de produção e até relacionamentos interpessoais, sobretudo numa época em que se vive muito em função da *performance*, como diz um dos filósofos do momento, o coreano Byung-Chul Han. Num contexto de desempenho individual e de atomização do colectivo, pejado de colaboradores em competição (os mesmo que substituíram os trabalhadores), o absentismo dá ainda mais nas vistas. Torna-se, até, motivo de análise por parte dos especialistas em gestão organizacional e de recursos humanos, que analisam dados, propõem panaceias — recurso ao diálogo, reestruturação de carreiras, comunicação horizontal — e incentivam a realização de estudos. Isto porque, apesar de cerca de metade das faltas serem por motivo de «doença» (classificação utilizada pelo Instituto Nacional de Estatística), nem sempre o problema passa por gripes ou dores lombares. Também há questões de falta de autonomia, de cerceamento de liberdade criativa, de perfeita ausência de pachorra para aturar as chefias. Além da objectividade do problema, o absentismo também vive de um certo imaginário, com características muito nossas, materializado em ideias feitas como: «Ah, os gajos da função pública não querem é trabalhar.» Acontece que a taxa de ausências no sector público e privado é praticamente idêntica (ronda os 7%). Portanto, não devia ser o absentismo a provocar cismas na sociedade. Trabalhadores de todos os sectores, uni-vos! Nem que seja para irem juntos à consulta.



Absolutismo

Doutrina política que se baseia na autoridade sem limites do chefe, habitualmente um monarca. Aliás, quando falamos de absolutismo vem-nos de imediato à ideia Luís XIV de França, o Rei Sol, que ficou tão famoso pela frase «L'état, c'est moi» como pela construção do Palácio de Versalhes ou as perucas tratadas com denodada estima. A pedra-de-toque de um regime com estas características passa pelo facto de o poder, que se quer uno e indivisível, nunca ser sujeito

a escrutínio por parte de outras instâncias, sejam estas políticas, judiciais, legislativas, religiosas ou económicas. E muito menos eleitorais, claro. No ocaso da Idade Média, começam a constituir-se Estados-nação cada vez mais ambiciosos, organizados segundo uma lógica de concentração da soberania. O objectivo era exercer o domínio a partir de uma única entidade (o Estado), personificada no líder e orientada para a não repartição de competências. Era uma forma de defraudar as aspirações de clero e nobreza, que, até então, tinham disputado o protagonismo e os proveitos. Isto torna-se mais difícil de concretizar quando o próprio rei é-o por desígnio de Deus. Mas nem só de infalibilidade por inspiração divina viveu esta doutrina. Pensadores como o inglês Thomas Hobbes, por exemplo, apresentaram a obediência ao poder absoluto como condição *sine qua non* para a manutenção da ordem. Em Portugal, o absolutismo também teve praticantes ao longo de vários séculos. É possível que o seu zénite tenha acontecido no reinado de D. José I, déspota iluminado por obra e graça do Marquês de Pombal, acabando por sucumbir ao vendaval do liberalismo e à monarquia constitucional instalada no século seguinte. E, no entanto, José e Sebastião José ocupam, hoje, duas das melhores assoalhadas de Lisboa com as suas estátuas. Se isto não é uma vitória absolutista, imita-a muito bem.



Abstraccionismo

Quantos de nós já ficámos especados frente a uma obra de arte, tecendo o seguinte comentário: «Isto até uma criança de três anos fazia.» Ou quatro. Ou mesmo dois. A probabilidade de ter cedido a esta tentação crítica é ainda maior se a obra fizer parte do universo do abstraccionismo, vulgo *rabiscos*. Acontece que esta forma de fugir à representação do real e da natureza tem uma história e um pensamento subjacentes. Tendo provocado grande escândalo nos circuitos

da especialidade e na opinião pública, sobretudo durante a primeira metade do século xx, a chamada arte abstracta pautou-se pelo abandono do figurativo e a decomposição das formas, abraçando novos modos de expressão. Estritamente falando, tornar qualquer coisa abstracta significa separá-la de algo. E, em termos artísticos, essa dissociação é evidente: separar o mundo tangível (com os seus objectos e paisagens) da visão — na sua aceção mais básica — do autor, enfatizando assim a relação entre cores, linhas e superfícies. Nomes que hoje fazem parte do cânone, como Kandinsky, Malevich ou Mondrian (muito influenciado pelo misticismo e as verdades ocultas), enfrentaram a resistência dos defensores da arte com pendor mais clássico e até a animosidade dos regimes autoritários da época do entreguerras. No entanto, abriram caminho para outros artistas que se consagraram em vida e para declinações como o expressionismo abstracto norte-americano, do qual o popular Jackson Pollock é um dos expoentes máximos. Convenhamos: passar de arte degenerada a movimento inspirador de um artista de sucesso, com direito a ser interpretado por Ed Harris numa produção de Hollywood, é um grande feito. E atenção: não basta guardar os desenhos da creche da sua criança para ombrear com quem marca a história das artes plásticas.



Absurdismo

Ser-se multado pela EMEL só porque se parou o carro cinco minutos sem pôr moeda, *foi só aquele tempo de ir comprar uma raspadinha à papelaria*. Ou dar centenas de euros por um *smartphone* que, imagine-se, até é capaz de fazer uma chamada telefónica. Ou passar horas em filas para se conseguir chegar a uma praia que, vai-se a ver, está tão lotada como um centro comercial em Dezembro, nos tempos pré-COVID. Tudo isto pode ser absurdamente chato. Mas não é absurdismo.

Em filosofia, estamos perante uma escola que opõe a Humanidade, que sempre busca um sentido para a vida, à sua incapacidade inata para o encontrar neste universo caótico e sem um propósito claro. Claro que, se nos dedicarmos a abraçar uma daquelas religiões que têm explicação para tudo, defendendo de forma simplista que as coisas acontecem como e porque Deus manda, é mais fácil ultrapassar as angústias e o poço sem fundo do absurdo. Mas, quando não é esse o caso, dedicamo-nos a elaborar explicações, a ler sinais nos eventos e nas estrelas, a procurar nexos causais e a antropomorfizar o Cosmos, que se encarrega de atribuir benesses a quem é recto e justo e a distribuir castigos a quem é assim para o velhaco. Nem sempre estes expedientes resultam. Autores como Albert Camus, que se dedicou de vida e alma ao tema até que um carro absurdamente despistado lhe ceifou as teorias, acabaram por sintetizar as formas como podemos lidar com esta nossa condição, a saber: através do suicídio, que o autor francês rejeita; do abraçar da fé, a que Camus também torce o nariz; ou da simples aceitação de que o universo é um lugar sem explicação. No entendimento do melhor dos ex-guarda-redes, esta aceitação é condição da nossa liberdade e devemos abraçá-la. Daí para a frente, a nossa existência só pode melhorar. A não ser que a EMEL nos tenha rebocado a viatura.



Academismo

A língua portuguesa tem fama de traiçoeira, o que pode não ser justo mas é, seguramente, ambivalente. Academismo (ou academicismo) pode ser lido de duas maneiras: fazendo referência aos ademanos e trejeitos de quem faz vida na Academia, ou dando conta da vontade incontrolável de copiar obras de arte, nomeadamente das escolas mais clássicas, prescindindo-se da originalidade. Vejamos o primeiro caso, prescindindo da forma Xerox de produzir pintura

e escultura. Os académicos têm fama — e algum proveito — de viverem nas suas torres de marfim (ou de contraplacado em tempos de vacas magras), de estarem isolados da sociedade que tantas vezes estudam, de usarem um jargão ininteligível, de tomarem as universidades para si. Face a este preconceito, com sólidas razões para ser entendido como algo mais do que um estereótipo, têm surgido outros lugares-comuns que, visto de um modo ingénuo, almejam servir de panaceia para o distanciamento. Por exemplo, «abrir as universidades às empresas» tem feito mais pelo *naming* e *branding* das instituições de ensino superior do que pelas boas relações entre cabeças pensantes e sociedade civil. E os académicos lá seguem porfiando, com vista para as suas Business Schools, tentando vender às massas (ou, pelo menos, à opinião publicada) a ideia de que a *social mobility* só depende das *skills*, do *empowerment* e da *awareness* de cada um. Já do caso das Humanidades é melhor nem falar, cada vez mais condenadas ao *delete*, apesar de algumas correntes «lá de fora» — leia-se mundo anglo-saxónico — já admitirem que as ciências sociais podem ser cruciais para um melhor *policy-making* e uma melhor *governance*. Veremos o que os nossos académicos têm a dizer sobre isso, se possível na língua de Camões.



Acosmismo

Eis-nos perante a corrente filosófica que nega a existência do mundo real e sensível. Mas calma, isto não faz de nós uma multidão de clientes do Banco Espírito Santo, que vêem esfumar-se tudo aquilo que julgavam ter amealhado, nomeadamente dinheiro — e, com este, a possibilidade de adquirir bens materiais. Na verdade, os acosmistas acreditam que nada mais existe porque Deus é a realidade última (e única). Ou seja, bens, objectos, eventos, nada disso tem uma

existência independente da matéria do Altíssimo. O termo terá sido cunhado por Friedrich Hegel, na ocasião em que procurou defender Bento Espinoza das acusações de ateísmo. O filósofo holandês, nascido em Amesterdão e descendente de portugueses fugidos da Inquisição, rejeitava a ideia de um mundo criado e posteriormente tornado independente por Deus, defendendo antes que o Cosmos é parte integrante e indivisível do Criador. Ou seja, ao sétimo dia Ele não descansou, já que, na verdade, o universo nunca deixou de estar pousado no Seu regaço e na Sua onipotência. Digamos que a pretensa inexistência do real seria mais difícil de sustentar por si só, mas, tal como o cinema, a filosofia recorre muito a este expediente: entrega os assuntos nas mãos de um *Deus ex machina* (que, neste caso, é o próprio Criador), salvando assim toda uma doutrina. Mas nem só de pensamento dito ocidental se fez esta corrente, apesar da proeminência de Hegel e do seu contemporâneo Fichte, que invocou o precedente de Espinoza para se defender de acusações quejandas quase duzentos anos depois; há quem defenda que o acosmismo acabou por dar uma perninha filosófica no hinduísmo védico e também no confucionismo chinês. A verdade é que Deus, mais acósmico, menos acósmico, nem sempre escreve direito por linhas tortas. Os lesados do BES que o digam.